



## TRAJETÓRIAS DO RASABOXES NO BRASIL Do Corpo Emocional ao I Seminário Internacional

Anna Wiltgen

<https://orcid.org/0009-0009-9293-2465>

Joana Ribeiro da Silva Tavares

<https://orcid.org/0000-0001-5608-4731>

Juliana Pablos Calligaris

<https://orcid.org/0000-0002-6751-8643>

Leticia Maria Olivares Rodrigues

<https://orcid.org/0000-0002-5252-6632>

Nara Keiserman

<https://orcid.org/0000-0001-7539-0179>

### APRESENTAÇÃO

É com grande satisfação que apresentamos este Dossiê Temático, resultado de um trabalho coletivo e apaixonado que busca lançar luz sobre a complexa e multifacetada prática do *Rasaboxes* no Brasil. Reunindo a voz de 11 autoras, que incluem em suas trajetórias a investigação e aplicação dessa metodologia psicofísica, este volume da Revista Rascunhos, da UFU/MG, celebra não apenas a profundidade de um conhecimento ancestral, mas também a vitalidade de sua ressignificação em contextos contemporâneos.

O *Rasaboxes*, uma prática de teatro performativo psicofísico que trabalha com oito emoções básicas, elencadas pela primeira vez no livro sagrado hindu *Natyashastra* — considerado um dos primeiros manuais de atuação da humanidade —, foi trazido para o Ocidente pelo pesquisador Richard Schechner a partir da década de 1980. Desde seu primeiro workshop no Rio de Janeiro, em 2003, ministrado por Michele Minnick, pupila direta de Schechner, o Brasil tem se consolidado como um importante polo de desenvolvimento e proliferação dessa técnica, tanto na prática artístico-pedagógica quanto na produção acadêmica, como atestam as inúmeras publicações entre artigos, dissertações e teses.

Michele Minnick, PhD (Performance Studies, NYU) é professora de *The Performance Workshop & Rasaboxes* desde 1998, formando novas gerações de professoras/es, depois de Richard

Schechner. As primeiras oficinas de *Rasaboxes*, ministradas em 2003 por ela no Brasil, intituladas *O Corpo Emocional*, foram oferecidas tanto no Centro LABAN-Rio, dirigido pela coreógrafa Regina Miranda, quanto na Escola de Teatro da UNIRIO, através de curso intensivo no então Programa de Pós-Graduação em Teatro, atual Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas (PPGAC/UNIRIO).

Duas décadas depois, em 2024, foi realizado o I Seminário Internacional de *Rasaboxes/ISIR* na sede do Grupo de Teatro Estrada em Indaiatuba, São Paulo. Durante uma semana, foram oferecidas gratuitamente várias atividades como oficinas, palestras, lançamentos de livros e performances com artistas-pesquisadores que há duas décadas desenvolvem o *Rasaboxes* no Brasil. Na ocasião, Michele Minnick apresentou seu livro *Inside The Performance Workshop: A Sourcebook for Rasaboxes and Other Exercises* (Routledge, 2023) na palestra inaugural do evento, aqui transcrita na íntegra para abrir este dossiê temático.

## Dossiê *Rasaboxes*

Os 12 textos reunidos neste dossiê refletem uma efervescência e demonstram as múltiplas camadas de investigação que o *Rasaboxes* tem provocado no cenário das artes cênicas brasileiras. Divididos em duas salas, apresentam diversas trajetórias percorridas pelo *Rasaboxes* no Brasil, desde as salas de aula, atravessando as salas de ensaio, até a sua exibição pública, em salas de apresentação.

A dimensão da performance e da corporeidade é aprofundada por Adriana Bonfatti, que pesquisa o diálogo entre o Sistema Laban/Bartenieff de Análise do Movimento e o *Rasaboxes*. A autora propõe uma investigação pedagógica que utiliza a metodologia do *Rasaboxes* para a experimentação e encorpação das variações rítmicas dos “Impulsos das Ações Básicas” (*Action Drive*) de Laban, buscando expandir o vocabulário expressivo da pessoa artista cênica e romper com padrões de movimento restritivos. Ela sublinha a necessidade de que a palavra não se sobreponha à experiência sensorial, entendendo que os conceitos servem como “guias para exploração do conteúdo expressivo do movimento”.

Ana Achcar reflete sobre o jogo do palhaço e da palhaça junto ao *Rasaboxes* no Programa Interdisciplinar de Formação, Ação e Pesquisa Enfermaria do Riso, sob a sua coordenação há 28 anos, na Escola de Teatro da UNIRIO. O artigo identifica aproximações entre certos mecanismos de comicidade e as regras de uso do tabuleiro do *Rasaboxes*, cujo jogo possibilita usufruir a noção de vulnerabilidade na exposição do risível. Através de uma revisão terminológica da *rasa hasya*, habitat da palhaçada, a autora reconhece diversas possibilidades de atualização na produção do riso, seja em sala de aula, na cena ou no hospital. Ao ampliar o alcance do riso, o *Rasaboxes* imprime autonomia e emancipação à sua dramaturgia.

Anna Wiltgen, por sua vez, apresenta uma metodologia que integra a pedagogia e os ensinamentos do *griot* Sotigui Kouyaté como preparação para o jogo no tabuleiro de *Rasaboxes*. Através da experiência como professora/diretora em espaços diversos, a autora evidencia como o trabalho de Kouyaté cria uma base sólida de respeito mútuo e colaboração, preparando o grupo para a entrega exigida pelo *Rasaboxes*. Sua pesquisa ressalta a conexão ancestral dessas pedagogias, a partir da priorização da escuta sensível e do sentido de presença no trabalho coletivo, apresentando pilares complementares entre elas, como: sensibilidade, oralidade, fisicalidade e emoção.

A centralidade da experiência e da percepção sensorial é um ponto de convergência fundamental entre as pesquisas. Joana Ribeiro da Silva Tavares, por exemplo, explora a utilização do *Rasaboxes* como um “jogo sensorial” em sala de aula na Escola de Teatro da UNIRIO, destacando a transição da percepção cortical para a subcortical e a importância da “escuta ossosa” de Hubert Godard. Sua experiência revela como o *Rasaboxes* evidencia o “sexto sentido” — o cinestésico — e acolhe padrões gestuais que emergem de estados de urgência, revelando um “pano de fundo

tônico-emocional”. A autora compartilha um detalhado “passo a passo” da aplicação do jogo, desde a construção do tabuleiro até a exploração da intersensorialidade com objetos e a mistura de *rasas*, expandindo a prática para além dos limites da grade.

Ana Paula Ibañez estabelece um instigante encontro entre a arte marcial *Kalarippayatt* e o tabuleiro de *Rasaboxes*, explorando como a prática milenar que busca a instauração de um “corpo que seja todos olhos” pode auxiliar no desvelamento de novas possibilidades corpóreo-expressivas dentro do *Rasaboxes*. Sua pesquisa questiona se a exploração das formas rígidas do *Kalarippayatt* (*chuvattus*) dentro dos *boxes* pode gerar novas energias, propondo uma “via para a corporificação de *bhavas*” onde a respiração é a conexão entre a forma e o corpo sutil, culminando na *rasa* como experiência estética compartilhada.

Juliana Pablos Calligaris apresenta sua investigação sobre *Rasaboxes à Brasileira: Uma Via para a Performatividade Afásica*. Sua pesquisa, no Centro de Convivência de Afásicos/UNICAMP, revela o potencial da técnica em promover a expressividade em pessoas afásicas como pedagogia de criação cênica, explorando expressões corporais e faciais como formas alternativas de comunicação à linguagem oral. Enquanto pedagogia de criação cênica a partir de corpos afásicos, são tratados procedimentos performativos que podem ser aplicados e utilizados em contextos de teatro com PCD, bem como com quaisquer outros contextos.

A reflexão sobre o conceito de teatralidade é o foco do artigo de Adriana Maia, que percebe o *Rasaboxes* como uma ferramenta potencializadora para a ampliação da teatralidade no jogo atoral, conectando-o ao “instinto de teatralidade” de Nicolai Evreinov. A autora explora como o *Rasaboxes*, ao focar na experiência “aromática, sensorial e empírica” da boca em detrimento da visão, promove uma teatralidade que surge do desejo de transformação e do “banquete suculento de teatralidade” compartilhado entre atores e participantes.

Júlia Peredo Sarmento aborda a demonstração técnica intitulada *Enlouquecer o Rasaboxes – produção de intensidades no trabalho da pessoa que atua*, desde a sua criação em 2014, durante o seu Mestrado em Artes na UFC, até a sua reapresentação no I Seminário Internacional de *Rasaboxes/ISIR*, em Indaiatuba, em 2024. A partir do improviso nos “tabuleiros de gradação” e o contato com seu espectro de “palavras-afetos”, tecnologia criada pela autora em 2014, emergem quatro funções: a explicação “do jogo dentro do jogo”, a produção de intensidades no trabalho atoral, o desenvolvimento de recursos assistivos e o letramento afetivo, tanto daqueles que fazem quanto daqueles que assistem. Um convite para uma nova dramaturgia cênica?

Leticia Olivares compartilha sua perspectiva, como diretora, na transcrição da palestra *Teatro Afetivo e Atletismo Emocional*, ministrada no I Seminário Internacional de *Rasaboxes/ISIR*, em que abordou a aplicação do *Rasaboxes* em obras teatrais e oficinas. Em diálogo com princípios da Antropologia Teatral e práticas contemporâneas de preparação atoral, analisa os desafios e potências do *Rasaboxes* na cena, propondo sua ampliação como dispositivo formativo para processos de criação sensível e comprometida entre intérpretes e direção. Olivares demonstra a aplicação do *Rasaboxes* como prática pedagógica capaz de equalizar recursos, oferecer suporte físico-emocional e impulsionar a construção estética, ampliando a autonomia de diretores e intérpretes na relação com o material psicofísico levantado durante os treinamentos e aplicado no processo das encenações.

Nara Keiserman, em relato confessional sobre o processo de criação do espetáculo-solo “9”, direção e dramaturgia de Demetrio Nicolau, mergulha na tríade “*Bhakti, Bhava e Rasa*”, conectando devoção, estado emocional e experiência estética à vivência do *Rasaboxes*. Explora a intersecção entre espiritualidade e prática teatral e defende que o “esforço realizado com dedicação e disciplina aproxima o exercício do ator do ato devocional”. A autora descreve de que modos as *rasas* atuaram como fundamento dos princípios investigativos tanto na seleção das textualidades quanto nos modos de encorpação em corpovoz da atriz em cena.

A Mesa Redonda de Encerramento do I Seminário Internacional de *Rasaboxes*/ISIR, uma iniciativa da Cia Trilhas da Arte – Pesquisas Cênicas, de Campinas-SP e do Grupo de Teatro Estrada, de Indaiatuba-SP, marcou um momento de aprendizado, realização artística e reflexão. O debate reuniu participantes com experiência acadêmica e pedagógica, que compartilharam a percepção de que o seminário não foi apenas um evento “finalístico”, mas uma “semente” para o futuro, e, ainda, uma “passagem de bastão” para as novas gerações. As discussões centraram-se no entusiasmo, na responsabilidade e na leveza das relações, destacando-se a importância do coletivo e da resiliência. Além disso, os participantes apresentaram o *Rasaboxes* não só como uma técnica cênica, como também uma prática com significado sociopolítico, capaz de gerar reflexões mais abrangentes. O desejo de continuidade e a ambição de expandir o trabalho para outras regiões do país, com maior diversidade, foram temas recorrentes.

Em tempo, salientamos que, embora, na tradição sânscrita, *bhava* e *rasa* sejam substantivos masculinos, no campo dos estudos do *Rasaboxes* no Brasil tornou-se corrente o uso no feminino (“a *bhava*”, “a *rasa*”). Mantemos aqui a opção adotada por cada autora, na maioria dos textos acompanhando o uso consolidado na prática brasileira da área, ainda que não corresponda ao gênero original dos termos.

Este dossiê, portanto, convida o leitor a mergulhar em um universo de saberes que transcende as fronteiras disciplinares, revelando o *Rasaboxes* não apenas como técnica, jogo, ou prática teatral, mas como uma poderosa filosofia de trabalho e um campo fértil para a pesquisa e a criação em diversas áreas do conhecimento. Que a leitura destas páginas inspire novas experimentações, diálogos e a contínua proliferação dessa arte tão rica e transformadora.

Desejamos uma saborosa e **rásica** leitura!